

UDR faz hoje a sua festa. Amanhã é passeata

Cerca de 40 mil produtores rurais ocupam Brasília em defesa do direito de propriedade

FERNANDO PINTO
Repórter Especial

Colocar hoje cerca de 40 mil produtores rurais de 18 estados brasileiros "na maior festa cívica que o País já viu" e promover amanhã uma passeata monstro até o Congresso Nacional como forma de chamar a atenção dos constituintes para o poderio de mobilização da União Democrática Ruralista, "a entidade de classe que mais cresceu em todo o território nacional nestes dois últimos anos, saindo do zero para 150 mil associados, 114 mil dos quais cadastrados". Seis meses depois da passeata realizada por cerca de 30 mil ruralistas, no dia 12 de fevereiro último, o 1.900. neurocirurgião goiano Ronaldo Caiado, 37 anos, versão nacional de Rock Hudson, volta a comandar uma manifestação gigante de pecuaristas e agricultores em Brasília, desta feita executando um original programa para nenhum comunista botar de feito.

— Durante o dia de hoje, com programa variado que se estenderá até a

noite, promoveremos no Parque da Cidade uma festa cívico-democrática para a qual estamos convidando esta hospitaleira gente brasiliense. No enorme palco armado, teremos de tudo: discursos e apresentações artísticas. Convidamos por escrito todos os 599 constituintes. Só não virá quem não quiser. Mas amanhã é que vai ser o bonito, quando sairemos em passeata até o Congresso Nacional, com o cortejo sendo puxado por trio elétrico, 250 cavalos, berranteiro, seresteiros, violeiros.

Paletó e gravata, o presidente da UDR dá entrevista coletiva na sede nacional da entidade localizada numa sobrelaja de um prédio do Conjunto 6 do Setor de Autarquias Sul, na mesma tarde em que mais de 600 ônibus estacionam no Parque da Cidade transportando ruralistas de vários pontos do País, sendo o maior número de São Paulo: 126 coletivos. Mais magro, mas demonstrando a melhor das disposições, Ronaldo percorreu nos últimos 10 dias 32 cidades "conclamando nossos companheiros a prestigiar nossa festa aqui na Capital Federal".

FOTOS: ADAUTO CRUZ



A UDR muda a paisagem no Parque da Cidade e as caravanas de vários Estados montaram até verdadeiros circos

que esta manifestação se diferencia da de seis meses atrás?

— Nós temos que analisar o período. No dia 12 de fevereiro nós fizemos uma passeata de protesto contra os juros e preços mínimos de nossos produtos. Agora nós estamos preocupados com a nova Constituição brasileira. De que vale lutar por preços mínimos, se estamos correndo o risco de perder as nossas propriedades? A manifestação agora é para mobilizar toda a sociedade brasileira, conscientizar toda a nação de que nós precisamos ter em primeiro lugar uma carta magna que realmente represente os anseios daqueles que querem ser donos de seus próprios narizes.

Aquela passeata deu resultados positivos em favor da classe?

— Depois do dia 12 de fevereiro nós conseguimos uma vitória quase imediata. Em vez do governo nos conceder aquele aumento preestabelecido de 24 por cento, nós conseguimos que os nossos preços mínimos fossem corrigidos em 36 por cento. E graças às 1.100 liminares que a UDR conseguiu a nível nacional contestando a cobrança da correção monetária sobre todos os empréstimos no período do primeiro Plano Cruzado, tanto de governo como de investimento, o governo apresentou agora medidas para uma nova política agrícola, dizendo que estão isentos de correção monetária até dia 30 de junho todos aqueles contratos feitos no período do Plano Cruzado. Foi uma grande vitória que veio de certa maneira diminuir o nível de fadência e de inadimplência de nosso setor.

Houve dificuldade para a UDR programar esta demonstração de força?

— De certa forma, sim. Em primeiro lugar porque o calendário foi alterado. O calendário que seria dias 9, 10 e 11, foi alterado para iniciar somente dia 10 à noite, isto é, sexta, só colocando em votação dia 11, no sábado. Mas nós tomamos todas as precauções, inclusive com dezenas de companheiros que se encontram aqui desde o dia 1º visitando diariamente os constituintes e deixando bem claro quais são as nossas reivindicações.

Tomaram qualquer providência em relação à segurança?

— Já encaminhamos relatórios a todas as autoridades de Brasília dizendo de que maneira nós chegaríamos, onde estaríamos acampados, solicitando todas as garantias para que agitadores não penetrassem no nosso movimento e pretendessem transformar um movimento cívico numa baderna como eles são habituados a fazer. Enfim, todas as providências indispensáveis, nós tomamos. E também estamos cadastrando pessoa por pessoa para não sofrermos esse risco. No local, cada produtor rural se responsabilizará pela sua regional na identificação de cada pessoa que estará ali no parque.

O que acha do esquema de segurança implantado no Congresso?

— Da última vez em que houve um confronto, um companheiro nosso teve uma costela saturada e outro teve um ferimento contuso no abdômen. Então acho que o Congresso tem que possibilitar condições de segurança a todo o cidadão, como às nossas esposas e nossos filhos, que vão ali assistir à votação da Constituinte. Acho bom que essa segurança seja reforçada para que incidentes de violência não se repitam.

Como explica o súbito crescimento da UDR em apenas dois anos?

— Esse crescimento se deve principalmente pelo fato de a UDR ser uma entidade ágil, moderna, atual, que realmente fala aquilo que a classe rural produtora exige. Uma entidade que é sem dúvida nenhuma a vocação real do produtor rural, livre de amarras, independente. Então acho que isso é que está proporcionando toda essa facilidade da entidade abrir cada vez mais portas nos horizontes da agricultura e pecuária.

Isso não tem nada a ver com o carisma de Ronaldo Caiado?

— Acredito que não. Acho mesmo é que é a maneira como a entidade estatutariamente foi criada e que eu no posto de pre-



Pela primeira vez uma maioria silenciosa está se levantando para dizer que não aceita mais que uma minoria de agitadores venha desestabilizar o fraco regime democrático

— Há produtores, por exemplo, como o Olacir, do Mato Grosso do Sul, que tem 40 mil hectares de soja. Outro companheiro do Rio Grande do Sul, que é considerado o maior produtor de arroz do mundo, que deve ter mais de 20 mil hectares plantados. Qualquer usina de açúcar tem de 15 a 20 mil hectares de cana plantada. E o que seriam desses produtores rurais? Eles teriam que ficar com mil ou 500 hectares e dar o restante para o Governo?

A viúva daquele advogado assassinado no Pará acusou dirigentes da UDR como mandantes. O que acha disso?

— Uma mentira idêntica a essas nós sofremos por ocasião do assassinato do padre Josimo, em Imperatriz. Mentira idêntica nós sofremos por ocasião do aprisionamento das armas em um navio. Mentira idêntica nós sofremos quando houve aquele incêndio no estádio de Goiânia. Enfim, mentiras, mentiras e mais mentiras contra a nossa entidade. São calúnias que não foram provadas até hoje.

Como vê a diferença entre os pacotes de Bresser e Fuarro?

— O plano Bresser não foi apresentado só para agricultores, mas para toda a sociedade brasileira que estava sem saber o que fazer. No que diz respeito à agricultura, ele apresentou algumas medidas, entre essas a isenção da correção monetária, que foi uma grande vitória nossa. Mas nós não podemos induzir a todo produtor rural a produzir sem que nós saibamos o preço mínimo dos produtos que o governo está prometendo apresentar até o fim do mês.

E a diferença?

— Pelo menos este plano não apresentou aquelas maluquices que vimos no primeiro, onde quiseram fazer demagogia com carne, lei delegada, confiscar bois, responsabilizar o produtor rural por escassez do mercado, quando essa responsabilidade é única e exclusiva do governo.

Como vai ficar o abastecimento de carne neste segundo semestre?

— Infelizmente, o governo não fez o estoque regulador no período da safra, deixando que o preço da carne chegasse a termos irrisórios, isto é, a 320 e 340 cruzados a arroba, sendo que em dezembro de 86 nós já comercializávamos a carne a 600 cruzados a arroba. E a grande maioria da nossa classe não tem como manter o boi gordo até agosto e setembro...

Como o médico Ronaldo Caiado vê agora a trajetória do líder político Ronaldo Caiado, presidente da UDR?

— Líder, sim, mas de política classista. Sinceramente, acho que essa trajetória foi relevante. Nós temos conseguido prestar a toda uma classe um grande trabalho, que tem sido de congregação, de unir um segmento da sociedade que a vida toda jamais foi unido, sempre foi desagregado. Hoje, a classe, produtora rural sem dúvida nenhuma se transformou num bloco monolítico. Ela agora realmente possui não só liderança, mas também conscientização política. Ela hoje sabe o que quer e está ciente de que só lutando conseguirá as suas reivindicações.

Aprendeu muito?

— Aprendi e continuo aprendendo. Acho que quando nós começamos, nós éramos amadores. Agora, não. E esperamos que possamos em breve atingir o nosso objetivo maior que é de congregarmos juntos numa mesma entidade os 4 milhões e 500 mil produtores rurais brasileiros.

Tem alguma novidade para a próxima convenção da UDR?

— A de abrir os nossos estatutos e outros segmentos que estão solicitando filiação em nossa entidade, profissionais liberais e até universitários.

Se sou candidato a cargo político ou a presidente da República? Não, nada disso. Já me fizeram até candidato a governador de meu Estado. Sou apenas o presidente da UDR...

Severo Gomes, são exatamente estes: nós não aceitamos que a Constituição brasileira limite o tamanho da propriedade rural. Nós costumamos dizer que a propriedade é do tamanho e da capacidade de seu proprietário. O Governo precisa exigir do homem e produtividade. E ridículo ver essa esquerda que nunca trabalhou, que nunca foi ao campo em toda a sua vida, dizer que um produtor rural só pode ter 100 módulos rurais...

Há muitos produtores com propriedades acima de 10 mil hectares?

— Há produtores, por exemplo, como o Olacir, do Mato Grosso do Sul, que tem 40 mil hectares de soja. Outro companheiro do Rio Grande do Sul, que é considerado o maior produtor de arroz do mundo, que deve ter mais de 20 mil hectares plantados. Qualquer usina de açúcar tem de 15 a 20 mil hectares de cana plantada. E o que seriam desses produtores rurais? Eles teriam que ficar com mil ou 500 hectares e dar o restante para o Governo?

A viúva daquele advogado assassinado no Pará acusou dirigentes da UDR como mandantes. O que acha disso?

— Uma mentira idêntica a essas nós sofremos por ocasião do assassinato do padre Josimo, em Imperatriz. Mentira idêntica nós sofremos por ocasião do aprisionamento das armas em um navio. Mentira idêntica nós sofremos quando houve aquele incêndio no estádio de Goiânia. Enfim, mentiras, mentiras e mais mentiras contra a nossa entidade. São calúnias que não foram provadas até hoje.

Como vê a diferença entre os pacotes de Bresser e Fuarro?

— O plano Bresser não foi apresentado só para agricultores, mas para toda a sociedade brasileira que estava sem saber o que fazer. No que diz respeito à agricultura, ele apresentou algumas medidas, entre essas a isenção da correção monetária, que foi uma grande vitória nossa. Mas nós não podemos induzir a todo produtor rural a produzir sem que nós saibamos o preço mínimo dos produtos que o governo está prometendo apresentar até o fim do mês.

E a diferença?

— Pelo menos este plano não apresentou aquelas maluquices que vimos no primeiro, onde quiseram fazer demagogia com carne, lei delegada, confiscar bois, responsabilizar o produtor rural por escassez do mercado, quando essa responsabilidade é única e exclusiva do governo.

Como vai ficar o abastecimento de carne neste segundo semestre?

— Infelizmente, o governo não fez o estoque regulador no período da safra, deixando que o preço da carne chegasse a termos irrisórios, isto é, a 320 e 340 cruzados a arroba, sendo que em dezembro de 86 nós já comercializávamos a carne a 600 cruzados a arroba. E a grande maioria da nossa classe não tem como manter o boi gordo até agosto e setembro...

Como o médico Ronaldo Caiado vê agora a trajetória do líder político Ronaldo Caiado, presidente da UDR?

— Líder, sim, mas de política classista. Sinceramente, acho que essa trajetória foi relevante. Nós temos conseguido prestar a toda uma classe um grande trabalho, que tem sido de congregação, de unir um segmento da sociedade que a vida toda jamais foi unido, sempre foi desagregado. Hoje, a classe, produtora rural sem dúvida nenhuma se transformou num bloco monolítico. Ela agora realmente possui não só liderança, mas também conscientização política. Ela hoje sabe o que quer e está ciente de que só lutando conseguirá as suas reivindicações.

Aprendeu muito?

— Aprendi e continuo aprendendo. Acho que quando nós começamos, nós éramos amadores. Agora, não. E esperamos que possamos em breve atingir o nosso objetivo maior que é de congregarmos juntos numa mesma entidade os 4 milhões e 500 mil produtores rurais brasileiros.

Tem alguma novidade para a próxima convenção da UDR?

— A de abrir os nossos estatutos e outros segmentos que estão solicitando filiação em nossa entidade, profissionais liberais e até universitários.

Se sou candidato a cargo político ou a presidente da República? Não, nada disso. Já me fizeram até candidato a governador de meu Estado. Sou apenas o presidente da UDR...

Se sou candidato a cargo político ou a presidente da República? Não, nada disso. Já me fizeram até candidato a governador de meu Estado. Sou apenas o presidente da UDR...

Se sou candidato a cargo político ou a presidente da República? Não, nada disso. Já me fizeram até candidato a governador de meu Estado. Sou apenas o presidente da UDR...

Se sou candidato a cargo político ou a presidente da República? Não, nada disso. Já me fizeram até candidato a governador de meu Estado. Sou apenas o presidente da UDR...

Se sou candidato a cargo político ou a presidente da República? Não, nada disso. Já me fizeram até candidato a governador de meu Estado. Sou apenas o presidente da UDR...

Se sou candidato a cargo político ou a presidente da República? Não, nada disso. Já me fizeram até candidato a governador de meu Estado. Sou apenas o presidente da UDR...

Se sou candidato a cargo político ou a presidente da República? Não, nada disso. Já me fizeram até candidato a governador de meu Estado. Sou apenas o presidente da UDR...

Se sou candidato a cargo político ou a presidente da República? Não, nada disso. Já me fizeram até candidato a governador de meu Estado. Sou apenas o presidente da UDR...

Parque serve de acampamento

NARA FERREIRA
Da Editora de Cidade

Nova Festa dos Estados, um espetáculo de circo ou invasão de ciganos? Quem, de longe, olhar para o Parque da Cidade esse final de semana pode até ter uma dessas idéias na cabeça. Se chegar mais perto, no entanto, e observar as faixas espalhadas por todo o Parque, dizendo, por exemplo, "Quem não defende o que tem, não merece ter", logo chega à conclusão: E a União Democrática Ruralista (UDR) que chega para mostrar sua força e, numa passeata programada para sábado, quer pressionar os parlamentares durante a votação na Constituinte.

Quanto ao verdadeiro acampamento que muda o visual do tranqüilo Parque nesses três dias, não são necessárias muitas linhas para justificá-lo. A UDR espera cerca de 40 mil produtores para participar do movimento, enquanto os hotéis já estão abarrotados de pessoas, seja congressistas, lobistas ou, simplesmente, turistas. Onde, então, levar todo esse pessoal? Obviamente, o Parque da cidade — conclusão que foi encontrada pelo próprio GDF, já que o Camping (local realmente apropriado para acampamentos) tem capacidade para, no máximo, 1.500 pessoas.

— Lotado assim, nem na posse da Nova República — comenta o receptionista do Hotel das Nações, Sérgio Todorok. Dizendo-se "acostumado" com grande movimento no hotel em que trabalha, ele garante que, levando-se em conta o setor hoteleiro de um modo geral, ele nunca observou tanta falta de vagas. Sua constatação foi, na realidade, confirmada pelo CORREIO BRAZILIENSE que, ao ligar para mais de 10 hotéis, na tarde de ontem, sou-

be que apenas o Hotel Nacional ainda tinha vagas.

Um pouquinho afastado dos hotéis, mas ainda bem dentro do Plano Piloto, o Camping também estava cheio de barracas, mas não lotado. A maioria dos "hóspedes", no entanto, são turistas de passagem pela região Centro-Oeste ou participantes do Congresso da Assembléia de Deus realizada no Ginásio de Esporte. Segundo o administrador do Camping, Antônio Cunha, o local chegou a ser lembrado para receber os produtores, ligados a UDR, mas devido à quantidade de pessoas esperadas, o Camping não comporta nem a décima parte. "Mas temos espaço para alguns, se precisar", garante o administrador.

BARRACAS

Dispostas em volta dos boxes reservados à Festa dos Estados, as barracas dos produtores variam desde as pequeninhas apelidadas por jovens de "transa dois", até verdadeiras lonas de circo, preparadas para abrigar desde várias famílias até restaurantes improvisados. Mas não é para menos, são pessoas vindas de todo o País, com exceção de poucos Estados como Rio de Janeiro, Amazonas e Acre. A maioria, vinda de cidades interioranas não dispensa um bom prato de comida que, ali, no acampamento, pode variar do churrasco gaúcho, ao acarajé, bem preparado pela baiana, de traje típico e tudo, diretamente "importada" de Itabuna para participar da "festa".

Até serviços de buffet foram especialmente trazidos para atender aos manifestantes.

Um deles, de Maringá, no Paraná, (o Leyzer) oferecerá, nesses três dias, 10 mil refeições, com 40 opções de pratos

diferentes, variando do filé, picanha e frango até salada simples. Para acompanhar, 500 caixas de refrigerante e 200 de cerveja. Acostumado a oferecer esse tipo de serviço em exposições agropecuárias, o proprietário do buffet, Nelson Leyser garante que dará um bom atendimento a todos.

Já o garçom Cláudio Couson, que serve ao buffet Planalto, de Londrina, animava-se com possibilidade de conhecer Brasília e participar do que considera uma aventura. Ele — junto com outros 20 garçons do mesmo serviço — ficará acampado em uma miltona de circo, não participará da passeata, (afinal, não é produtor), trabalhará direto até terminar de servir o almoço de amanhã, não sabe quanto vai ganhar.

LANCHONETES

Para alimentar tanta gente, por mais fartos que sejam os restaurantes, há sempre um espaço para as pequenas lanchonetes. Nessas, os brasileiros podem tirar proveito. Uma delas, a que usualmente vende docinhos para as crianças do Parque Nicolândia resolveu, nesses três dias mudar para o "acampamento". Animada, a proprietária da lanchonete Rosângela Martins prevê que conseguirá, nesse curto período, ganhar o que não tira em um mês de trabalho.

Para isso, aumentou a oferta de produtos, passando de simples docinhos a também sanduíches, tortas, esfirras e empadões. "Vamos ficar aqui direto, 24 horas por dia se precisar", anuncia, acrescentando que tem toda a família para ajudar, da sogra aos três filhos. "A administração do parque pediu que servisse coisas de primeira qualidade, e vamos fazer", assegura.



O berrante não poderia faltar e hoje vai ser uma das atrações da festa da UDR

Meta é a "paz no campo"

Calças jeans por baixo de largas botas de couro, chapéus. O famoso "berrante" fazendo seu som misturando-se às músicas que saíam das inúmeras caixas de som, já colocadas em palanques à espera dos shows que trarão cantores regionalistas. Uns, cansados com as longas horas de viagem, procuravam, meio perdidos, um lugar para encostar. Outros já alojados se juntavam em grupos, sorrindo, conversando ou, simplesmente, planejando a "caminhada cívica" de amanhã.

Assim, o clima que dominava o acampamento da UDR no Parque da Cidade, ontem à tarde — mistura de festa e pressão — tinha (e tem) como bandeira única a defesa da propriedade. Contando com participação de mulheres, o movimento tem, também, a presença de crianças. "São para nossos filhos que estamos aqui. Para defender o que a gente construiu para eles", afirma a paranaense de Maringá, Maria Clotilde Sobrinho. Após viajar 19 horas, ela e seu marido estavam visivelmente cansados, deitados em cima de uma toalha sob um dos "circos".

— Mesmo com esse sacrifício, vale a pena. Temos que nos unir para combater a intenção do Governo em desapropriar sem qualquer indenização, o que é um absurdo — anunciava seu marido, João Pagadigória Sobrinho, produtor de soja, trigo e gado em nada menos que 900 alqueires paranaenses. Para ele, o que falta no campo é "paz", demolida com a "desapropriação de terras produtivas".

O movimento, no entanto, segundo asseguraram alguns produtores, está longe de lutar contra reforma agrária apenas.

Já uma das líderes da UDR feminina em São José do Rio Preto, a médica Elizabeth Liso, produtora de arroz, milho e gado em mais de mil alqueires no interior de São Paulo, afirmou que sua família foi "vítima da política de desapropriação" do Governo, ao perder 300 alqueires sem qualquer indenização. "O que a gente sente quando isso acontece? Sabe o que é trabalhar anos, renunciando a muitas coisas para conseguir investir no que é seu? Depois, no dia que consegue, te tomam. E mais ou menos isso, difícil até de explicar", revelou.



Rosângela: animada



A bandeira está hasteada

Constituintes denunciam os latifundiários

"Cuidado você que é verdadeiro produtor rural. Tem latifundiário usando-o. A UDR é deles. Você está entrando como massa de manobra". O alerta ao trabalhador rural foi feito ontem, na sessão da Assembléia Nacional Constituinte, pelo deputado Nelson Aguiar (PMDB-ES), para quem o presidente da União Democrática Ruralista, o médico e latifundiário Ronaldo Caiado, vem iludindo milhares de pequenos e médios agricultores, com seu jeito "bem falante, com gestos estudados, com um sorriso irônico nos lábios e com mãos bem postas".

A chegada da caravana da UDR a Brasília, para exercer pressão direta à Constituinte, tem gerado inflamados discursos de parlamentares e levantando questões que envolvem problemas com a posse da terra. Ontem, ainda, a deputada Lidice da Mata, (PC do B-BA), voltou a denunciar a entidade de latifundiários como responsável pela morte do ex-deputado estadual Paulo Fonteles, do Paraná, há cerca de um mês. Ela anunciou que a mãe e a viúva do parlamentar, Cordalina e Raquel Fonteles, estiveram com o presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, solicitando reforço na apuração do crime.

Enquanto Lidice da Mata exaltava Paulo Fonteles como "símbolo da luta pela terra", pedia também a intensificação da defesa da reforma agrária. "neste momento em que a UDR se prepara para invadir Brasília", Nelson Aguiar dizia-se impressionado com a "agressividade e o radicalismo desse moço", que viu em um programa de televisão em Vitória (ES). "Ele, na defesa de suas idéias (diga-se de passagem de um direitismo extremo) a ninguém respeita", alertava ele. "Ataca a Igreja Católica, a CUT, a Contag, os partidos de esquerda, a ala progressista do PMDB e tudo o mais que cheira a reforma agrária".